



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ
CURSO DE TURISMO

ARTHUR MOSER SILVA SANTOS

TURISMO PEDAGÓGICO NO GEOPARQUE SERIDÓ

CURRAIS NOVOS

2019

ARTHUR MOSER SILVA SANTOS

TURISMO PEDAGÓGICO NO GEOPARQUE SERIDÓ

Monografia apresentada ao curso de graduação em Turismo, do Centro de Ensino Superior do Seridó, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientador(a): Profa. Dra. Carolina Todesco

CURRAIS NOVOS

2019

ARTHUR MOSER SILVA SANTOS

TURISMO PEDAGÓGICO NO GEOPARQUE SERIDÓ

Monografia apresentada ao curso de graduação em Turismo, do Centro de Ensino Superior do Seridó, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carolina Todesco

Orientador(a)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Profa. Ma. Fernanda Raphaela Alves Dantas

Membro interno

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Profa. Ma. Itamara Lúcia da Fonseca

Membro externo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Dedico este trabalho aos meus pais, José Mozany dos Santos e Maricélia Porfírio da Silva Santos, meus maiores incentivadores.

AGRADECIMENTOS

Desde cedo aprendi que não se chega a lugar algum sozinho, e por isso preciso deixar aqui o meu agradecimento aqueles que me ajudaram a concluir esta jornada, uma parte muito importante de minha vida. Por isso, sou grato a Deus por ter me dado saúde e por ter colocado pessoas maravilhosas em minha vida ao longo desses anos, pessoas como os meus pais, José Mozany dos Santos e Maricélia Porfírio da Silva Santos, que me apoiaram desde o início do curso, e que quando pensei em desistir, me convenceram de que não se desiste, fazendo o possível e o impossível por mim.

Também quero agradecer a todos os meus amigos que me apoiaram ao longo desses anos, a toda família Guerra (em especial a Diana Rayssa), que nos momentos de aflição, me deram força para continuar, me fazendo ver as coisas que via de uma forma tão complexa, bem mais simples, mostrando o verdadeiro significado de amizade.

No decorrer do curso de Turismo conheci pessoas extraordinárias, docentes que fizeram de mim um aluno melhor, em especial uma, que me deu incentivo e puxões de orelha quando necessário, e que apesar de ser tão cheia de tarefas, com diversos outros projetos, me deu atenção que poucos deram, por isso sou muito grato a você, professora Carolina Todesco.

Por fim, chego a concluir que sou grato ao curso de Turismo, pois por meio deste curso aprendi que a educação modifica totalmente a vida das pessoas e principalmente, que existem professores que ensinam por amor a profissão, e esses sim mudam diversas outras vidas, tornando este ato algo contagiante.

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo analisar as contribuições do Projeto Geoparque Seridó para o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido nas escolas de ensino fundamental do município de Currais Novos/RN. Como procedimento metodológico foi realizado um levantamento bibliográfico sobre Turismo Pedagógico, Processo de Ensino-Aprendizagem, e sobre o conceito de Geoparque, em seguida foram selecionadas as escolas para o estudo de caso, tendo sido escolhidas a Escola Municipal de Nossa Senhora e a Escola Municipal Ausônio Araújo, por preencher todos os requisitos estabelecidos pela pesquisa, e as crianças entrevistadas possuíam entre 8 e 10 anos. Por fim, a pesquisa, de natureza descritiva, buscou descrever as realizações do Projeto Geoparque Seridó tratando sobre a compreensão dos agentes sobre o projeto; o processo de planejamento das visitas aos geossítios; o tratamento dado ao conhecimento adquirido nas visitas aos geossítios; a importância do projeto Geoparque Seridó para o processo de ensino-aprendizagem; e os seus principais desafios.

Palavras-chave: Turismo Pedagógico; Ensino-Aprendizagem; Geoparque Seridó.

ABSTRACT

The research aimed to analyze the contributions of the Seridó Geopark Project to the teaching-learning process developed in the elementary schools of Currais Novos / RN. As a methodological procedure, a bibliographic survey on Pedagogical Tourism, Teaching-Learning Process, and on the Geopark concept was carried out. Then, the schools for the case study were selected, having been chosen the Municipal School of Nossa Senhora and the Municipal School. Ausônio Araújo, for fulfilling all the requirements established by the research, and the children interviewed were between 8 and 10 years old. Finally, the research, of a descriptive nature, sought to describe the achievements of the Seridó Geopark Project dealing with the agents' understanding of the project; the process of planning visits to geosites; the treatment given to the knowledge acquired in the visits to the geosites; the importance of the Seridó Geopark project for the teaching-learning process; and its main challenges.

Keywords: Pedagogical Tourism; Teaching-Learning; Seridó Geopark.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 A RELAÇÃO ENTRE TURISMO PEDAGÓGICO E ENSINO-APRENDIZAGEM	10
2.1 DESAFIOS DO ENSINO-APRENDIZAGEM NA ATUALIDADE	15
3 O PROJETO GEOPARQUE SERIDÓ EM CURRAIS NOVOS.....	19
3.1 O CONCEITO DE GEOPARQUE.....	19
3.2 O PROJETO GEOPARQUE SERIDÓ	21
3.3 AS INICIATIVAS DO PROJETO GEOPARQUE SERIDÓ NA ÁREA DA EDUCAÇÃO.....	23
4 OS RESULTADOS E OS DESAFIOS DO GEOPARQUE SERIDÓ COMO INSTRUMENTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	27
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	27
4.2 A COMPREENSÃO SOBRE TURISMO PEDAGÓGICO E O PROJETO GEOPARQUE SERIDÓ	27
4.3 O PROCESSO DE PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES.....	29
4.4 O TRATAMENTO DADO AO CONHECIMENTO ADQUIRIDO NAS VISITAS.....	31
4.5 A IMPORTÂNCIA DO PROJETO GEOPARQUE PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM	33
4.6 OS DESAFIOS DO PROJETO GEOPARQUE SERIDÓ.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

O turismo como ferramenta de aprendizado vem sendo cada vez mais utilizado no âmbito escolar, mostrando-se muito importante na formação educacional formal de crianças e jovens. Esse segmento é conhecido como Turismo Pedagógico, que conforme Souza et al. (2011) almeja reunir a atividade pedagógica, que é relacionada com desenvolvimento cognitivo, social e afetivo do aluno, e a ludicidade que é natural aos passeios.

Tendo em vista a suposta efetividade do Turismo Pedagógico como instrumento de ensino-aprendizagem, a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo do município de Currais Novos, localizado na região do Seridó no interior do estado do Rio Grande do Norte, em parcerias com outras secretarias, desenvolve o projeto “Geoparque Seridó” junto às escolas de ensino fundamental. Além de palestras nas escolas, a principal atividade do projeto envolve visitas dos alunos aos geossítios e às comunidades de seu entorno.

Desta forma, os questionamentos que nortearam a presente pesquisa foram: Quais as contribuições do Projeto Geoparque Seridó para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas de ensino fundamental na cidade de Currais Novos, por meio do Turismo Pedagógico? Como o projeto Geoparque Seridó está sendo utilizado como instrumento de ensino nas escolas? Quais são seus principais resultados e desafios?

Assim nosso objetivo central foi analisar as contribuições do Projeto Geoparque Seridó para o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido nas escolas de ensino fundamental do município de Currais Novos/RN.

Inicialmente para o desenvolvimento da pesquisa foi adotado como procedimento metodológico um levantamento bibliográfico sobre Turismo Pedagógico, Processo de Ensino-Aprendizagem, e sobre o conceito de Geoparque. Esta fase proporcionou uma reflexão teórica sobre os temas relevantes da pesquisa, fundamental para a construção dos instrumentos de coleta de informações (roteiros de entrevistas semiestruturadas) e sua a posterior análise.

Em seguida foram selecionadas as escolas para o estudo de caso, por meio dos seguintes critérios: ter participado do projeto Geoparque Seridó; e ser escola pública do ensino fundamental, uma vez que objetivou-se analisar o suporte dado pelo poder público às escolas na realização das atividades do projeto.

A partir desses critérios, além de questões como a disponibilidade para as entrevistas, foram selecionadas a Escola Municipal de Nossa Senhora e a Escola Municipal Ausônio Araújo, por preencher todos os requisitos mencionados. Tendo em vista que as escolas são de ensino fundamental, as crianças entrevistadas tinham entre 8 e 10 anos de idade.

A pesquisa, de natureza descritiva, buscou descrever as realizações do Projeto Geoparque Seridó e revelar seus principais desafios e para isso adotou uma abordagem qualitativa para o tratamento das informações obtidas por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas, realizadas com diretores, professores e alunos das escolas selecionadas.

O presente trabalho está estruturado em cinco seções. Na seção seguinte discorreremos sobre Turismo Pedagógico e sua relação com o processo de ensino-aprendizagem, abordando os desafios na atualidade do processo de ensino-aprendizagem e sua complexidade.

Na terceira seção apresentamos uma discussão referente ao conceito de Geoparque, destacando os geoparques reconhecidos pela Unesco, e a relevância dessa organização para a geoconservação. A partir de então, discorreremos sobre o Projeto Geoparque Seridó e suas principais atividades.

Os resultados e desafios do Geoparque Seridó como instrumento de ensino-aprendizagem são os temas da quarta seção, tratando as informações obtidas nas entrevistas realizadas com os agentes de educação divididas nos seguintes tópicos: 1. A análise da compreensão dos agentes sobre o projeto; 2. O processo de planejamento das visitas aos geossítios; 3. O tratamento dado ao conhecimento adquirido nas visitas aos geossítios; 4. A importância do projeto Geoparque Seridó para o processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, nas considerações finais do trabalho refletimos sobre os fatores que dificultam a realização do Projeto Geoparque Seridó e levantamos possibilidades de melhoria na execução de futuras atividades.

2 A RELAÇÃO ENTRE TURISMO PEDAGÓGICO E ENSINO-APRENDIZAGEM

Ao longo da história, o ser humano constantemente buscou meios para o aprimoramento de suas capacidades e as viagens se apresentaram como uma importante forma de aprimorar o conhecimento pela exploração da cultura, do meio desconhecido e pela vivência de novas experiências. A partir do século XVIII, na Inglaterra era comum os filhos de famílias nobres serem enviados para uma viagem pela Europa, realizando um *Grand Tour* (grande volta) pelos centros culturais, com uma duração média de três anos. O objetivo era aprender sobre a cultura europeia, principalmente conteúdos para o enriquecimento intelectual que traziam prestígio, como o conhecimento na área da política, literatura, música, arte e línguas (ANDRADE, 2004).

O *Grand Tour* era uma atividade praticada, sobretudo, por jovens aristocratas britânicos que possuíam intenção de ingressar em uma carreira na política, no governo ou no serviço diplomático. Nesta época, as viagens significavam *status* social, sendo realizadas na maioria das vezes por homens jovens e pelos membros do clero. Tais viagens não possuíam cronogramas rigorosos, os jovens acompanhados por seus mestres realizavam diversos passeios educativos apreciando e aprendendo sobre os costumes europeus, que na época eram considerados mais elevados.

Os passeios pelos centros históricos uniam o ensino com momentos prazerosos, as instruções intelectuais eram realizadas de forma mais orgânica, mesclando a visitação das mais diversas atrações, possibilitando o conhecimento sobre a cultura e as artes que possuíam os diversos países da Europa como Bélgica, Itália, França e Suíça. Desta forma, pode-se afirmar que o turismo pedagógico surge antes do turismo de lazer, e toma sua forma mais organizada a partir da metade do século XIX (SÊIA et al., 2014).

Com isso, é possível notar a relação das viagens com a formação educacional dos jovens, sendo uma construção gradual ao longo do tempo, ganhando uma forma mais concreta na metade do século XIX. Embora tenha construído certos parâmetros que culminaram na denominação de *Grand Tour*, a atividade ainda conservava um caráter espontâneo, isso tendo grande influência do tempo destinado as viagens e seus objetivos, pois as viagens eram destinadas ao aprendizado de assuntos que exigiam certo tempo e dinheiro.

Nesse sentido, a atividade inevitavelmente sofreu modificações e adaptações, uma vez que, a realização da atividade individualizada que demandava grandes quantias de dinheiro e longos períodos de tempo, passou a dar lugar à viagens realizadas em grupos seguindo uma grade curricular. O turismo por sua vez apropriou-se dessa atividade, e com o tempo vários

países passaram a fazer uso dessa ferramenta de ensino, no qual Beni (2002, p. 426) expõe que é a:

Retomada de uma prática amplamente utilizada nos Estados Unidos por colégios e universidades particulares, e também adotada no Brasil por algumas escolas de elite, que consistia na organização de viagens culturais mediante o acompanhamento de professores especializados da própria instituição de ensino com programas de aulas e visitas a pontos históricos ou de interesse para o desenvolvimento educacional dos estudantes.

As instituições particulares adaptaram mais rapidamente as viagens de estudo ao ensino regular moderno, providenciando um planejamento das aulas e o acompanhamento de um profissional especializado. Assim, traçando uma linha histórica nota-se um contraste dos métodos modernos, que possui uma educação institucionalizada em larga escala, com um aprendizado mais orgânico em decorrência do estilo da educação de outrora.

Desta forma, segundo Sêia et al. (2014, p. 5), “o turismo que aparentemente nasceu com característica elitista, hoje, aos poucos vem se tornando cada vez mais acessível”. Mas essa popularização do turismo pedagógico não significa que seja amplamente utilizado pelas escolas, porque de forma geral existem muitas dificuldades para realização dessas viagens, principalmente no setor público.

Sabendo disso, surge o questionamento do que de fato é o turismo pedagógico, uma vez que Milan (2007, p.26) alerta que o turismo pedagógico “exibe em seu aspecto conceitual uma série de confusões de ordem semântica e metodológica, sendo denominado como Turismo Educativo, Turismo Educacional, Turismo Estudantil, Turismo do Meio, entre outros”. Essa discordância conceitual e metodológica na área de turismo não é rara, com isso faz-se relevante estabelecer parâmetros norteadores.

Para compreender de uma forma funcional essa relação própria entre o turismo e o ensino, é importante entender que o principal ponto de ligação entre essas atividades são as interações sociais. Tendo em vista que as experiências proporcionadas por ambas são capazes de estimular de diversas formas o pensamento de cada um dos participantes, fazendo-os refletir sobre as relações humanas, assim como entender e organizar o mundo (SOUZA et al., 2011). Com isso, o primeiro ponto a destacar é a interação social, uma vez que é intrínseco tanto ao turismo quanto ao ensino.

Outro ponto é o deslocamento. O conhecimento empírico ao longo da história da humanidade por vezes era a única fonte disponível, as pessoas tinham a necessidade do deslocamento para aprender saberes que não eram ensinados em suas localidades. Mesmo nos dias atuais para conhecer com profundidade um fenômeno, faz-se necessário deslocar-se até o local para um estudo empírico, e com as viagens não é diferente, uma vez que a viagem permite

obter conhecimento sobre diversas culturas, além de estabelecer uma ligação entre o turista e os habitantes.

Isso mostra que o ato de se deslocar para aprender não é novo, também não é exclusivo do turismo, mas de fato existe uma relação próxima com o ensino. Essa proximidade faz com que as pessoas se desloquem para aprender ou conhecer coisas novas, assim para Trigo (2004, p. 12) o turismo é “uma atividade humana intencional que serve como meio de comunicação e como elo de interação entre povos, tanto dentro como fora de um país”.

Faz-se relevante afirmar que o turismo pedagógico proporciona um envolvimento do homem com o espaço, uma vez que possibilita uma análise empírica do que foi estudado, estimulando um contato próximo com o ambiente seja ele físico, geográfico, ecológico, histórico etc., proporcionando assim uma nova visão sobre os conteúdos abordados em sala de aula (SCREMIN; JUNQUEIRA, 2012).

Desta forma, Matos (2012) ressalta que deslocar-se para aprender sobre algo não é privilégio apenas do turismo pedagógico, a aprendizagem está indiretamente presente na maioria dos segmentos turísticos. No entanto, o segmento tem de forma intrínseca em sua principal motivação o desejo pelo aprendizado. Ou seja, o que diferencia o Turismo Pedagógico dos demais segmentos do turismo é o objetivo pedagógico da atividade.

Sabendo disso, Matos (2012, p. 3) afirma que “considera-se turismo pedagógico toda atividade didático-pedagógica que acontece fora do ambiente físico escolar e que pode ser identificada por meio de uma excursão, viagem ou visita técnica” ou seja, por meio do deslocamento, mostrando como funciona na prática o conteúdo que foi abordado em sala de aula, além de inserir o aluno em uma relação participativa na comunidade, estabelecendo uma comunicação entre o meio em que vive com o que estuda no ambiente escolar.

Já Giaretta (2003, p. 45 apud MILAN, 2007, p. 27) conceitua com a denominação de Estudo do Meio, que consiste em um “método de ensino que estabelece uma relação entre teoria e prática, utilizando um objeto de estudo para que o aluno possa continuar o processo de aprendizado iniciado em sala de aula”. Nessa mesma linha de pensamento, Milan (2007) explica que é uma análise empírica dos ambientes em que o aluno já está inserido, sendo um aprofundamento de algo previamente conhecido.

Os autores Moreira, Avilés e Valle (2009) desenvolveram um estudo na Espanha sobre o uso do Turismo Pedagógico como instrumento capaz de fomentar o aprendizado. Para os autores o segmento educativo:

Es la rama del turismo que se especializa en viajes donde los turistas organizan los mismos con el propósito no solo de conocer el lugar, si no de aprender, entender y comprender el entorno visitado; sin ser realizado dicho aprendizaje necesariamente dentro de un plan estricto y formal de aprendizaje; si no todo lo contrario; dentro de un espectro amplio y utilizando toda la gama de opciones de aprendizaje que nos brinda el avance en la rama educativa; utilizando los medios necesarios para que el turista se involucre dentro de dichos espacios. (MOREIRA; AVILÉS; VALLE, 2009, p. 1)

Vale destacar que, para os autores esse tipo de turismo é organizado de forma a possibilitar o aprendizado, podendo ser planejada e organizada, seguindo uma estrutura formal e um cronograma de atividades, ou simplesmente o contrário, mais orgânico, assemelhando-se mais ao *Grand Tour*, com um ensino-aprendizado mais amplo, utilizando-se de meios disponíveis para o turista se envolver de forma lúdica aos espaços visitados, possibilitando um aprendizado mais flexível.

O primeiro ponto desse pensamento converge mais com o que foi apresentado por Matos (2012), Giaretta (2003) e Milan (2007), uma vez que segue uma estrutura mais rígida por se tratar de uma atividade realizada mais comumente nas escolas, por outro lado a segunda forma de turismo pedagógico apresentado por Moreira, Avilés e Valle (2009) remete ao turismo realizado por pessoas fora do período escolar que tem como objetivo aprender sobre o local visitado, que buscam explorar os costumes diferentes, as culinárias, as artes, as músicas por prazer e até mesmo por enriquecimento pessoal.

Sabendo disso, ao tratar da atividade no ambiente escolar, Souza et al. (2011) expõe que a Turismo Pedagógico almeja reunir a atividade pedagógica, que é relacionada com desenvolvimento cognitivo, social e afetivo do aluno, e a ludicidade que é natural aos passeios que os discentes realizam. Ou seja, para os autores, a relação do turismo com a educação ultrapassa as barreiras do aprendizado restrito, do conhecimento formal, expandindo para as áreas sociais e afetivas, pois os alunos apresentam uma relação social e emocional com o que é experienciado fora do ambiente escolar, sendo um momento planejado para estimular essa aprendizagem integrada.

Segundo os autores Nakamura e Machado (2012), para que os objetivos do projeto pedagógico da escola sejam alcançados, é necessário apresentar ao aluno um sentido significativo às aulas realizadas fora da sala, é importante desta forma que os alunos compreendam por meio das referências tangíveis da realidade, a relação do que foi estudado com a realidade social externa à escola.

Com isso, pode-se perceber que embora exista certa confusão semântica e metodológica que Milan (2007) expõe sobre o Turismo Pedagógico, os autores possuem pontos de convergência.

Os parâmetros norteadores para definir Turismo Pedagógico podem ser apresentados resumidamente como: o deslocamento do ambiente escolar, a intenção de aprender, a interação social, o planejamento e organização para o cumprimento dos objetivos educativos, e o envolvimento necessário para o desenrolar lúdico da atividade, ao se tratar de turismo pedagógico desenvolvido em instituições de ensino. Para o turismo pedagógico desenvolvido de forma mais espontânea, faz-se relevante, mesmo que simplório, um planejamento para orientar a atividade, para a pessoa desfrutar sem preocupação em perder-se em locais desconhecidos, ou se envolver em outras situações desagradáveis.

Ao longo dos anos, o Turismo Pedagógico mostrou-se uma atividade importante, servindo como uma forma de enriquecimento cultural e espontâneo, e o governo percebendo o potencial da atividade, passou a conceder redução na tributação como forma de incentivo para os estudantes (BARBOSA, 2002).

Ao incentivar os jovens a viajar o governo proporciona um intercâmbio de conhecimento no país, além de possibilitar que jovens com poder aquisitivo menor também tenham oportunidade para conhecer e aprender sobre diversos locais que não teriam acesso. Embora o incentivo do governo seja interessante, para uma viagem com objetivo de aprender, faz relevante um planejamento para melhor aproveitar a visitação, principalmente com o acompanhamento de um profissional qualificado.

Nas instituições de ensino, o professor assume o papel importante de fazer o planejamento e a organização das aulas para alcançar os objetivos educativos, seguindo métodos didáticos para auxiliar o aprendizado dos discentes. Nesse sentido segundo Milan (2007), o aprendizado adquire um sentido mais amplo, não resumindo-se ao ato de aprender no ambiente escolar, nem aos saberes domésticos, lúdicos ou técnicos. Assim, a escola tem o papel de complementar e desenvolver o conhecimento do aluno de uma forma que ele o conserve para sua vida, devido a isso o professor precisa se adaptar a forma de transmitir seus saberes tornando-a eficaz, assim fazendo com que o seu educando passe a absorver e usar no seu dia-a-dia os conhecimentos adquiridos, usando sua capacidade de pensar de forma independente.

Desta forma, Milan (2007) expõe a importância do sentimento de pertencimento que o aluno apresenta no espaço, pois esse envolvimento reflete como o Turismo Pedagógico vai influenciar o crescimento do estudante, propiciando ao aluno aprender mais sobre si mesmo, uma vez que, ao vivenciar experiências concretas que fazem parte de sua própria história, passa a ter interesse em preservá-la e até mesmo valorizá-la.

Nesse processo de desenvolvimento do aluno como ser humano, Matos (2012, p. 03) reafirma indiretamente o que foi dito por Milan (2007) quando diz que a escola também possui

grande importância como elemento impulsionador, assim como ressalta a relação direta e indireta do Turismo Pedagógico com o processo de ensino quando afirma que:

A escola deve e pode produzir conhecimento que vai além das teorias, da retórica e da aula puramente expositiva para que os aprendizes possam enfrentar a sociedade de forma a transformá-la de fato com a ideia de que, o acúmulo de conhecimentos oriundos de um processo caracterizado por ensino que o coloca como sujeito das ações educacionais, é o principal elemento de sua cidadania.

Em outras palavras, a educação como algo isolado da sociedade não tem utilidade prática para um indivíduo, a escola pode e deve dar sentido as matérias teóricas que muitas vezes se apresentam distantes do entendimento do aluno, por não fazer parte da sua vivência ou por não ter uma referência tangível um melhor entendimento do que foi estudado. Com isso, ao dar significado ao que foi estudado, o professor possibilita a utilização e apropriação do conhecimento pelo aluno, sendo um meio de torná-lo um cidadão consciente e atuante.

O mesmo autor ainda complementa a afirmação quando diz que o Turismo Pedagógico também traz uma junção de duas ciências, a educação e o turismo, fazendo com que desempenhem um papel fundamental na consolidação de uma educação de qualidade baseada nos princípios que regem a pluralidade de ideias e concepções. Para Matos (2012, p. 03):

[...] o turismo pedagógico guarda uma relação direta e indireta com o processo ensino-aprendizagem na medida em que se configura por meio de atividades didático-pedagógicas inseridas no currículo escolar, as quais se desenvolvem de forma a estabelecer relações com o conteúdo programático disciplinar, com o mundo externo da sala de aula de forma a promover de forma lúdica e dinâmica o êxito do processo pedagógico.

Para o autor, o turismo pedagógico ao ser incorporado ao currículo escolar se desenvolve por meio de um diálogo direto e indireto com o conteúdo das disciplinas no planejamento didático escolar, ou seja, o professor prepara a aula sobre o conteúdo técnico e por meio da visita o aluno pode explorar o que foi estudado de forma empírica, fomentando questionamentos para um esclarecimento do conteúdo que foi exposto em sala.

Vale ressaltar que, o planejamento da atividade é essencial para atingir os objetivos educativos da atividade, o aluno precisa ser conduzido pelo planejamento do professor, pois ao leva-lo a situações reais o professor também está expondo o aluno a situações variáveis imprevisíveis, no qual o planejamento adequado é importante e quando necessário o acompanhamento de outros profissionais especializados na área.

2.1 DESAFIOS DO ENSINO-APRENDIZAGEM NA ATUALIDADE

O processo de ensino-aprendizagem é um complexo objeto de estudo da Ciências da Educação, sendo amplamente discutido pelos autores da área sobre como de fato acontece, as interferências no processo e o que facilita o aprendizado.

Muitos autores tem defendido a ideia de que as instituições de ensino estão defasadas com suas metodologias e técnicas. Conforme Bonfim (2010, p. 3):

[...] a educação oferecida na maioria das instituições educacionais está em defasagem com as necessidades e os desafios da pós-modernidade, uma vez que os princípios e métodos sobre os quais está fundada, não estão condizentes com a consciência que se faz necessária no mundo contemporâneo.

Neste mesmo sentido, Milan (2007) considera que a escola ainda segue um modelo tradicional de ensino, que tem o aluno na condição de espectador, reproduzindo os saberes que foram apresentados pelo professor e pelo livro didático. Além disso, o autor expõe que para haver uma mudança significativa, é necessário que o professor estimule a curiosidade do aluno, e essa busca por novos conhecimentos seja constantemente desafiadora, mas sempre respeitando as dificuldades de aprendizado do aluno, possibilitando ao discente a autoconfiança necessária para buscar novos conhecimentos de forma autônoma.

Na atualidade, o volume de informações disponíveis às pessoas é imenso, seja nos livros, na internet, na televisão, nos jornais. Segundo Matos (2012, p. 3):

Todo este cenário dinâmico e globalizado faz com que os alunos tenham rápido e facilitado acesso às informações, todavia nem sempre estas podem ser consideradas como conhecimento propriamente dito, pois o acúmulo de informações pode levar o ser humano a um mundo de alienações ocupado por ideias soltas, sem encadeamento, portanto, sem conhecimento.

Desta forma, a escola precisa adaptar-se às exigências do mundo pós-moderno onde as informações são rápidas e muitas vezes sem credibilidade, nesse caso o aluno deve estar munido de ferramentas que possibilite a análise crítica dessas informações, e o professor deve orientar o aluno nesse processo.

Por esse e outros motivos lecionar é um processo demasiadamente complexo, tendo em vista que, cada vez mais é necessário instigar o aluno sobre o conteúdo estudado. E para que isto ocorra de fato, é necessário levar em consideração o conhecimento prévio que os alunos trazem para a aula, desenvolvendo assim, maior interação, cooperação, autonomia e reflexão, fazendo com que assim se estabeleça um processo de ensino-aprendizagem dinâmico e construtivo (SILVA, 2011).

Entretanto, segundo Oliveira et al. (2002 apud SCHWARTZMAN, 2002), o espaço de trabalho do professor muitas vezes não possui o formato, estímulos e recursos necessários para que a atividade educacional seja exercida de forma plena. Ou seja, muitas vezes a condução da

aula depende muito da habilidade de adaptação do professor, sendo necessário criatividade em sala de aula.

Os alunos também necessitam participar do desenvolvimento das aulas, questionando, dando sugestões, trazendo conteúdos complementares. Mas não é segredo que os alunos muitas vezes não apresentam interesse, algo que na realidade tem sido um empecilho na execução das atividades de ensino. De acordo com Silva (2011), a cooperação dos educandos quase inexistente no processo de ensino-aprendizagem, já que estes não participam e permanecem como sujeitos passivos, reproduzindo o que o educador transmite.

Além disso, para Veiga (2011 apud SILVA, 2011, p. 35):

O professor na maioria das vezes abafa a voz do aluno, isto é, quando não tem diálogo sem a possibilidade de ouvir [...] então se faz necessário que haja uma ruptura desse modo de conduzir a aula, pois a aula é um espaço humano de diálogo que tem professor e alunos, devemos dar voz aos alunos, porque ainda hoje o que se tem é o educador transmitindo e o educando retransmitindo.

A voz do aluno precisa ser ouvida quando corrobora para o desenvolvimento dinâmico e cooperativo da aula. Em outras palavras, o aluno precisa fazer parte da aula do professor, incluindo o discente em atividades que exigem sua participação ativa, e não somente realizar aula expositiva que ponha o professor como orador e o aluno como plateia.

Nessa mesma linha de pensamento, Veiga et al. (2013, p. 309) expõe que o ensino deve estar comprometido com a construção do aprendizado, e essa construção deve ser conjunta, o professor auxiliando o aluno no desenvolvimento psicocognitivo, ou seja, no aprimoramento de suas habilidades, ajudando no aprendizado da autoavaliação, da pesquisa, a superar dificuldades, além de entender a relação entre o conhecimento coletivo e individual, e entre o ambiente escolar e a sociedade.

Assim, para esse tipo de abordagem, Bonfim (2010) destaca a grande importância das capacidades individuais do professor, tais como, criatividade, liderança e flexibilidade na construção de uma escola de qualidade, quando afirma que:

Merece destaque também, a participação dos educadores no processo de mudança de olhar, pois a qualidade do professor é o condicionante principal da qualidade educativa da escola. Dessa forma, torna-se necessário o desenvolvimento de capacidade de elaboração própria, e teorização das práticas, juntamente com a habilidade de estimular nos alunos atitudes críticas e criativas. (BONFIM, 2010, p.117)

Desta forma, nota-se que a atuação do professor é essencial, e mesmo que a escola disponibilize biblioteca, sala de leitura, sala de informática, entre outros espaços para auxiliar no aprendizado, o professor é que deve conduzir o aluno a utilizar tais ambientes. Por isso, é dever do professor elaborar atividades que instiguem o aluno a participar, além de fazê-lo buscar novos conhecimentos para complementar o que foi discutido em sala.

Com isso, Scremin e Junqueira (2012, p. 2) destacam a importância de uma atividade capaz de unir a teoria com a prática, de forma que o aluno tenha interesse em participar ativamente:

O turismo pedagógico por envolver diversas áreas do conhecimento vem sendo considerado como um instrumento importante na aprendizagem, uma vez que pode ser um diferencial na vida escolar dos educandos, por ser um misto de profissionais engajados neste trabalho.

O Turismo Pedagógico para os autores, é uma atividade interdisciplinar que auxilia no aprendizado do conteúdo escolar, uma vez que, tem uma análise empírica que possibilita uma desfragmentação dos saberes ensinados em sala, unindo história, geografia, física, etc., em uma narrativa concreta. Também é de grande valia para o professor, pois ao sair do ambiente escolar pode e deve fazer uso de outros profissionais para apresentar na prática o que foi estudado pelos alunos.

3 O PROJETO GEOPARQUE SERIDÓ EM CURRAIS NOVOS

3.1 O CONCEITO DE GEOPARQUE

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) define os geoparques como “áreas geográficas unificadas, onde sítios e paisagens de relevância geológica internacional são administrados com base em um conceito holístico de proteção, educação e desenvolvimento sustentável” (UNESCO, 2017).

Conforme Cardoso e Batista (2013), os geoparques foram desenvolvidos pelo programa europeu de financiamento “LEADER +” com apoio da UNESCO, sendo uma forma de equilibrar o uso da geodiversidade em um contexto funcional e educativo. Após a análise dos recursos de relevância ambiental, a UNESCO denominou os Geoparques Mundiais para o desenvolvimento de atividades sustentáveis.

O trabalho da UNESCO com os geoparques teve início em 2001, e após três anos se formou a Rede Mundial de Geoparques (Global Geoparks Network – GGN) com 17 geoparques europeus e 8 chineses, em que os membros se beneficiam de uma rede de intercâmbio e cooperação (UNESCO, 2017).

O objetivo dos geoparques, segundo a UNESCO (2017), vai muito além de envolver apenas a geologia, seu propósito consiste em explorar e desenvolver as relações entre o patrimônio geológico e todos os outros aspectos patrimoniais naturais, culturais e imateriais da área, buscando “religar a sociedade humana à Terra e de celebrar as formas como o planeta e sua longa história de 4,6 bilhões de anos têm moldado cada aspecto de nossas vidas e de nossas sociedades”.

Atualmente a UNESCO identificou e catalogou 127 “Geoparques Mundiais” espalhados em 35 países, o que demonstra que a ideia da geoconservação está se expandindo pelo mundo. Porém, a designação de geoparque mundial pela UNESCO é concedida por um período de quatro anos, após esse período o geoparque é reexaminado para observar se está cumprindo com todos os critérios para que possa receber o “Green Card” (Cartão Verde). Caso o geoparque não esteja cumprindo com os critérios, a administração da área é alertada para tomar as medidas adequadas em um período de até dois anos, recebendo o “Yellow Card” (Cartão Amarelo). Ao fim do período de dois anos, caso o geoparque não preencha os critérios exigidos, receberá um “Red Card” (Cartão Vermelho) e perderá seu status de Geoparque Mundial da UNESCO.

Conforme Nascimento et al. (2015), geoparque é uma área com fins de geoconservação por meio da educação e do ensino para o público, propiciando um ambiente para pesquisas científicas, e paulatinamente promovendo o desenvolvimento sustentável por meio do turismo, reforçando a identificação da população local com seu meio, estimulando o surgimento de empreendimentos locais, e buscando também atrair o capital privado para a região.

Nesse sentido, fica claro a estreita relação entre os geoparques e o turismo pedagógico, visto que são áreas em que se pretende desenvolver atividades educacionais voltadas para a conservação, valorização e conhecimento da geodiversidade, ao mesmo tempo em que se promove o envolvimento da comunidade local e a valorização da cultura.

Para Moreira (2010), o turismo desenvolvido em geoparques pode-se enquadrar no segmento denominado Geoturismo. Tal segmento embora tenha dissonância conceitual por ser recente, apresenta-se como uma estratégia para os geoparques, pois por meio dessa atividade pode-se tornar viável o desenvolvimento social e econômico da comunidade, promovendo o marketing em âmbito nacional e internacional, além de ações de educação ambiental realizadas com a comunidade local e visitantes.

Nascimento et al. (2015) salienta, porém, que geoparque não se trata de um parque no sentido habitual, como também não é apenas uma área de alto valor geológico, trata-se de um conceito holístico e interdisciplinar, em que para o autor envolve:

- Um projeto de desenvolvimento regional;
- Atividades turístico-culturais-educacionais apresentadas ao público em linguagem adequada;
- Atividades relativas às belezas naturais e à cultura;
- Continuidade de todas as atividades normais da economia regional;
- De maneira a permitir o aproveitamento e fruição atuais, promover a fixação da população local e estimular o desenvolvimento social, econômico e cultural; e
- Tudo isso com uma visão conservacionista, de desenvolvimento sustentável, ou seja, sem prejudicar seu aproveitamento e fruição pelas gerações futuras.

(NASCIEMENTO et al., 2015, p. 352)

Assim Brilha (2009, p. 28) sintetiza a definição de geoparque:

O geoparque é um território delimitado geograficamente com uma estratégia de desenvolvimento sustentável com fins a conservação do patrimônio geológico em associação a elementos do patrimônio natural e cultural, com vista à melhoria das condições de vida das populações que habitam no seu interior.

Em outras palavras, os geoparques são áreas que possuem uma proposta de desenvolvimento integrado, tendo como base a conservação e valorização não apenas do patrimônio geológico como as paisagens, sítios e geodiversidade, mas também das atividades

culturais da comunidade local, que de forma responsável, pode e deve fazer uso dos recursos do geoparque para obter uma melhoria de vida e bem-estar social.

Nascimento et al. (2015) também ressalta que geoparque não é uma categoria de unidade de conservação e não impõe restrições às atividades econômicas desenvolvidas nas áreas do geoparque.

Com isso, nota-se que a proposta de geoparque busca um equilíbrio entre conservação da geodiversidade e a melhoria da qualidade de vida, seja de forma direta com a capacitação de pessoas para trabalhar no geoparque, seja indiretamente, como por exemplo com a promoção de artesanatos e a culinária regional. Mas vale salientar que os benefícios do geoparque não se limitam apenas à comunidade local, pois são desenvolvidas atividades de educação ambiental para a comunidade e visitantes.

Tal fato mostra como a gestão do geoparque deve estar em conformidade com a gestão turística, pois ambas possuem um propósito em comum, o desenvolvimento humano e a conservação do local. Essa gestão deve buscar ser solidária, de forma a promover o desenvolvimento da comunidade, trazendo a ideia de pertencimento e relevância geológica ao espaço.

3.2 O PROJETO GEOPARQUE SERIDÓ

O Geoparque Seridó está localizado no Semiárido Nordeste, situando-se na região Centro-Sul do interior do Estado do Rio Grande do Norte, dentro da mesorregião Central Potiguar e partes das microrregiões Serra de Santana, Seridó Oriental e Seridó Ocidental (CPRM, 2010).

As características geológica, histórica e cultural da região impulsionaram a iniciativa do Prof. Dr. Marcos Nascimento, geólogo e docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e do Dr. Rogério Valença Ferreira, geógrafo e pesquisador da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), de apresentar, em 2010, uma proposta de “criação” do Geoparque Seridó, para submetê-la à avaliação da UNESCO e vir a receber a designação de Geoparque Mundial.

Desta forma, pela iniciativa de profissionais sensíveis à valorização do patrimônio natural e cultural e dos locais de relevância geomorfológica do Seridó, que nasceu a ideia de criação do Geoparque Seridó.

Vale ressaltar que, o Projeto Geoparque Seridó está em conformidade com as políticas atuais de turismo no Brasil, em especial, referentes à interiorização e regionalização do turismo (BEZERRA et al., 2014).

Além do projeto do Geoparque Seridó, paralelamente outras ações buscaram a interiorização e a regionalização do turismo no Estado do Rio Grande do Norte. Ações essas que em conjunto com o geoparque auxiliou a fortalecer a gestão do turismo no interior, dentre as quais se destacam o amadurecimento do Conselho Regional de Turismo do Polo Seridó, como também as ações fomentadas pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e pela Secretaria de Turismo do Estado do RN, que em 2004 criou o Projeto Roteiro Seridó integrado ao Programa Territórios da Cidadania do Governo Federal (BEZERRA et al., 2014).

No contexto de interiorização e regionalização do turismo, a região do Seridó tem uma peculiaridade, pois é constituída por um dos mais completos e ricos patrimônios geológicos encontrados no Nordeste do Brasil. Essa característica geológica é decorrente dos muitos fenômenos naturais que ocorre na região, a qual o ambiente foi submetido ao longo do tempo. Além da geodiversidade do local, a história e cultura da região contribuíram para atender as necessidades da criação do Geoparque Seridó (BEZERRA et al., 2014).

O Projeto Geoparque Seridó é, segundo Costa e Medeiros (2018), uma proposta para conservar e valorizar o patrimônio ambiental, histórico e cultural existente no interior do estado do Rio Grande do Norte, que se apresenta com grande potencial geomorfológico e cultural a ser utilizado de forma responsável para o desenvolvimento local.

A proposta original surgiu da inventariação de 25 geossítios em 11 municípios da região do Seridó (CARDOSO; BATISTA, 2013). Segundo Nascimento et al. (2015), a princípio ainda contava com a participação de mais 3 municípios que não possuíam geossítios cadastrados, totalizando 14 municípios.

No entanto, o projeto sofreu modificações no que diz respeito a sua delimitação territorial. A previsão inicial era contemplar 25 geossítios em 14 municípios, mas a proposta de criação do Geoparque Seridó, a ser submetida à UNESCO, acabou por englobar 16 geossítios em 6 municípios (GOMES et al., 2018), conforme quadro 1.

Quadro 1. Geossítios e municípios do Geoparque Seridó.

Nº	GEOSSÍTIOS	MUNICÍPIOS
01	Serra Verde	Cerro Corá
02	Cruzeiro de Cerro Cora	
03	Vale Vulcânico	
04	Mirante de Santa Rita	Lagoa Nova
05	Pico do Totoró	Currais Novos
06	Morro do Cruzeiro	

07	Mina Brejuí	
08	Cânion dos Apertados	
09	Gargalheiras	Acari
10	Poço de Arroz	
11	Cruzeiro de Acari	
12	Marmita do Rio Carnaúba	
13	Xiquexique	Carnaúba dos Dantas
14	Monte do Galo	
15	Açude Boqueirão	Parelhas
16	Mirador	

Fonte: Gomes et al. (2018).

Essas alterações ocorreram, pois para que o projeto “saia do papel” é importante a consolidação de parcerias e o envolvimento e apoio político, especialmente, dos municípios abarcados pelo geoparque, conforme relata um dos mentores do Projeto Geoparque Seridó:

[...] a criação de um geoparque implica na formação de uma equipe interdisciplinar bem suportada pelos organismos que, de fato, podem assegurar uma gestão efetiva do território. O apoio político ao nível do município é absolutamente essencial, não só porque é dele que advêm inicialmente os recursos para colocar em marcha um projeto deste tipo (embora possa e deva ter outras fontes complementares, públicas ou privadas) como é por meio do município que se conseguem articular as diversas políticas de desenvolvimento local (NASCIMENTO et al., 2015, p. 351).

Em outras palavras, o geoparque se faz presente no município por meio dessas iniciativas, com a conscientização da comunidade e sua integração ao projeto, também pela cooperação e participação do poder público nas ações realizadas. Isso sem restringir a participação da iniciativa privada, seja fomentando pequenos empreendedores locais ou na atração do capital de grandes empresas, evidentemente respeitando as diretrizes de funcionamento do geoparque.

3.3 AS INICIATIVAS DO PROJETO GEOPARQUE SERIDÓ NA ÁREA DA EDUCAÇÃO

O projeto Geoparque Seridó ainda não foi avaliado pela UNESCO, no entanto, isso não significa que a materialização da proposta esteja estagnada. As ações desenvolvidas até o momento se dão sobretudo na área da educação ambiental; promoção do destino; estímulo à produção de artesanatos locais; valorização da gastronomia regional; e articulação política.

No entanto, o foco do nosso trabalho é analisar as atividades do projeto Geoparque Seridó na área da educação relacionada às visitas aos geossítios, ou seja, atividades de Turismo Pedagógico desenvolvidas no âmbito do projeto, para que possamos identificar as contribuições desse projeto no processo de ensino-aprendizagem das escolas de ensino fundamental, tendo como estudo de caso as escolas públicas do município de Currais Novos.

As atividades na área da educação relacionadas aos geoparques são também denominadas de geoeducação, que conforme Meira et al. (2019, p. 391):

A Geoeducação configura o conjunto de práticas educativas orientadas à geoconservação, ela deve ser incentivada junto ao ensino formal, enquanto conteúdo dos componentes curriculares nas escolas, mas também em ambientes não-formais de ensino. Os ambientes não-formais apresentam potencialidades extras para a Geoeducação, uma vez que a maioria das atividades são realizadas em locais abertos ou em museus e exposições, espaços que permitem o contato direto com os elementos abordados, aprimorando o entendimento da geodiversidade.

Meira et al. (2019) também explica que a geoeducação possui métodos bastante flexíveis para adaptar o conteúdo que precisa ser apresentado para o público alvo, e tal público apresenta grande variação na faixa etária e nas condições sociais, permitindo assim um envolvimento maior por instigar a criatividade dos indivíduos com uma linguagem e métodos adaptáveis. Desta forma, Meira et al. (2019, p. 392) ainda acrescenta que:

As formas de transmitir as informações no contexto da Comunicação Ambiental parte do bom senso dos autores, os quais têm por obrigação construir meios comunicativos com níveis apropriados de aprofundamento e de linguagem. Sendo que as informações devem transpassar o senso comum, indo além, por exemplo, de curiosidades sobre poluição. Devem se erguer enquanto auxílio ao exercício da cidadania em relação ao meio ambiente.

Tomando como base essa premissa, o Geoparque Seridó, segundo Meira et al. (2019), realizou ações junto com os responsáveis pedagógicos das escolas do município de Currais Novos para expor o conteúdo base do projeto, para capacitá-los em ações continuadas, e então conseguirem incorporar esse conteúdo às disciplinas curriculares. Essas atividades começaram no ano de 2017 primeiramente na Escola Municipal Ausônio Araújo (EMAA), sendo a instituição pioneira a acolher o projeto, posteriormente no ano de 2018 foram incluídas no projeto mais 6 escolas de Currais Novos.

Em 2018, o projeto já envolvia 849 crianças e adolescentes na faixa etária entre 4 a 21 anos, e 120 idosos na faixa etária entre 60 a 70 anos, no total de 969 capacitações. Conforme o público foram realizadas adaptações na linguagem utilizada, aos gestores pedagógicos fez-se uso de termos técnicos, já para os estudantes e idosos utilizou-se conceitos e termos adaptados, ensinando por meio de exemplos do cotidiano, analogias, e o uso do material gráfico e do cordel (MEIRA et al., 2019).

De agosto de 2017 a dezembro de 2018 foram realizadas 68 palestras, 85 oficinas e 44 visitas técnicas aos geossítios Morro do Cruzeiro, Pico do Totoró, Cânions dos Apertados e Mina Brejuí, com o público supracitado (figuras 1, 2 e 3). Além disso, é incentivada a elaboração de subprojetos no âmbito do projeto Geoparque Seridó, para que cada instituição de ensino contemple suas dificuldades e necessidades, afim de envolver cada vez mais os alunos nas atividades, fazer o trabalho ter um caráter continuado (MEIRA et al., 2019).

Figura 1. Visita ao Geossítio Pico do Totoró – Alunos da Escola Municipal Ausônio Araújo.



Fonte: Geoparque Seridó

Figura 2. Oficina Geoparque Seridó: eu conheço o meu lugar? – Colégio Trindade Campelo.



Fonte: Geoparque Seridó

Figura 3. Visita ao Geossítio Totoró – Alunos da Escola Municipal Socorro Amaral.



Fonte: Geoparque Seridó.

Dentre os subprojetos desenvolvidos, pode-se citar: “Geoparque Seridó/RN: Um olhar no âmbito educacional” da EMAA no seu segundo ano consecutivo, contando também com 7 monitores formados no primeiro ano do projeto; “Cipriano Lopes Galvão nas Trilhas do Geoparque Seridó/RN” da Escola Municipal Cipriano Lopes Galvão (EMCPL) localizada no

Povoado Totóro; “Educação Patrimonial: Conhecendo Currais Novos através do Geoparque Seridó/RN” da Escola Municipal Prof. Humberto Gama (EMPHG); e “Reviver pelo Geoparque Seridó/RN”, no Centro de Convivência dos Idosos, sendo todas instituições do município de Currais Novos (MEIRA et al., 2019). Para a realização desses subprojetos, foram firmadas parcerias com:

[...] a Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes (SEMEC); Secretaria Municipal de Trabalho, Habitação e Assistência Social (SEMTHAS); Secretaria Municipal de Saúde (SEMSA); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo (SEMTUR); Fundação Cultural José Bezerra Gomes (FCJBG); Centro de Referência da Assistência Social (CRAS); Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS); Conselho Tutelar; Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA); 9ª DIREC (Diretoria Regional de Educação), Promotoria de Justiça e a Vara da Infância e Adolescência. (MEIRA et al., 2019, p. 396)

Faz relevante salientar que, também é realizado atividades que buscam atingir o público que não está na idade escolar ou que não participam de associações parceiras do geoparque. Assim “a equipe do referido projeto se inseriu nas quatro principais redes sociais vigente na atualidade, com destaque para o Facebook, o Instagram, o Youtube e o Twitter” (MEIRA et al., 2019, p. 398), buscando tornar a marca Geoparque Seridó mais acessível ao público em geral.

As mídias digitais foi uma alternativa que encontraram para atingir um maior número de pessoas, servindo também como fonte de pesquisa, uma vez que é possível acompanhar o andamento do projeto, além de tornar possível a interação com tal público, pois pode-se ter um *feedback* instantâneo, e esse contato mais direto torna o projeto mais próximo da comunidade, além de promover a divulgação mais rapidamente e de forma gratuita.

O projeto conta também com o aplicativo para mobile do Geoparque Seridó, disponível gratuitamente no *Play Store*, para o sistema operacional Android. Segundo Meira et al. (2019), esse aplicativo foi desenvolvido com a ideia de possibilitar a qualquer pessoa o acesso aos conhecimentos geológicos, contendo fotos e textos com informações simplificadas, de caráter científico, e curiosidades sobre os geossítios que compõe o Geoparque Seridó.

Mais recentemente, foi criado o *site* “<http://geoparqueserido.com.br>” como mais uma forma de divulgação e informação do Projeto. No *site* é possível encontrar as mais diversas informações sobre o Geoparque Seridó, desde a sua criação, conceituação e localização até informações de guias, condutores habilitados e pousadas nos municípios que constituem o geoparque, além de informações sobre cada geossítio e boletins informativos das mais recentes notícias sobre o projeto.

4 OS RESULTADOS E OS DESAFIOS DO GEOPARQUE SERIDÓ COMO INSTRUMENTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atingirmos o objetivo da pesquisa, realizamos 16 entrevistas semiestruturadas com o principal público envolvido nas atividades educacionais do Projeto Geoparque Seridó, ou seja, diretores, professores e alunos de escolas públicas de ensino fundamental de Currais Novos. Vale ressaltar que, as entrevistas foram todas gravadas e posteriormente transcritas para a análise dos dados.

As entrevistas foram aplicadas no mês de junho de 2019, nas instituições de ensino Escola Municipal de Nossa Senhora (EMNS) e Escola Municipal Ausônio Araújo (EMAA). Ao total foram entrevistados 2 professores e 3 alunos da EMNS e o diretor, 4 professores e 6 alunos da EMAA. Como são os 4º anos que realizam as visitas ao geoparque, foi levado em consideração esse critério para selecionar os alunos.

A análise das informações obtidas por meio das entrevistas buscou revelar a percepção dos envolvidos sobre Turismo Pedagógico e o Projeto Geoparque Seridó; a forma como se dá o planejamento das atividades relativas ao turismo pedagógico no âmbito do projeto; o tratamento dado ao conhecimento obtido nas visitas aos geossítios; e a importância do projeto para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas em estudo.

4.2 A COMPREENSÃO SOBRE TURISMO PEDAGÓGICO E O PROJETO GEOPARQUE SERIDÓ

Quando questionados, os professores entrevistados apresentaram, de forma geral, uma visão coerente e convergente em relação ao Turismo Pedagógico. A Professora 1 (EMAA) considera que: “É... quando os alunos vão fazer uma aula passeio com o intuito de conhecer a partir da natureza conteúdos estudados em sala”, e a Professora 3 (EMAA) segue a mesma linha de raciocínio: “Visitações aos locais, fazendo uma relação do que eles viram na sala de aula com o real, que aí, a aprendizagem flui mais rápido”. Complementando, temos também a fala da Professora 4 (EMAA):

Entendo que dá oportunidade ao professor de aprimorar os conhecimentos dos seus alunos nas visitas, por exemplo, o professor expõe os conhecimentos e leva o aluno a visualizar na prática o que ele aprendeu em sala de aula, e assim acontece o processo de ensino aprendizagem.

Para o Professor 1 (EMSN) o engajamento é um fator importante da atividade, quando ele afirma que: “[...] é aquele turismo onde faz com que o aluno realmente se engaje [...] nesse conhecimento do seu próprio município [...] e dos municípios vizinhos [...]”, esse interesse que é despertado no aluno com as visitas, incentivando a participação, tanto em sala como nas atividades pedagógicas fora da escola. Já a visão da Professora 2 (EMAA) destoa das demais apresentadas:

É pra apresentar as crianças, é alguns pontos turísticos na cidade onde eles podem, dentro do geoparque [...] inserir até a família deles, como conseguir até algum tipo de renda extra, [...] nós fizemos esse trabalho também com os meninos do Totoró, e lá tem muitas famílias que desenvolvem a parte de alimentação, já tem guias que se formaram dentro da própria região, que já foram alunos da escola (Escola Municipal Cipriano Lopes Galvão), então inserir eles dentro de alguma atividade do geoparque que possa ser lucrativa ou não, ou só educacional mesmo.

Em sua fala, a professora destaca o engajamento do aluno e de sua família numa possível renda com a atividade, como guias que foram formados pelo projeto e que hoje atuam no local, e famílias que trabalham na venda de alimentos e bebidas.

Já os alunos, quando questionados se tinham conhecimento sobre turismo pedagógico, dos 9 alunos entrevistados, 4 responderam que não. E dos cinco que afirmaram já terem ouvido falar em turismo pedagógico, 2 não souberam explicar e os outros 3 mostraram uma noção básica sobre a ideia de deslocamento, aprendizado lúdico e exploração de algo novo. Após as primeiras entrevistas, notou-se que os alunos não estão habituados à terminologia turismo pedagógico, sendo mais usual viagem de estudo, visita técnica e aula de campo, que são termos mais familiares para eles.

Ao mudar o uso da terminologia, a maioria dos alunos soube opinar. Os alunos apresentaram como principais pontos o deslocamento, conhecer lugares novos, geossítios e geoformas, deram alguns relatos das visitas anteriores e afirmaram que foram experiências positivas, além de destacarem o fato de ter que anotar o que foi visto nas visitas (quadro 1).

Quadro 1. Visão dos Alunos sobre o que é Aula de Campo.

Alunos	Respostas
Aluno 2 (EMNS)	“Que... a gente aprende mais, a gente... viaja se diverte... aprende mais coisa”
Aluno 3 (EMNS)	“Como uma coisa de conhecer novas coisas, é... lugares novos”
Aluno 1 (EMAA)	“Eu sei, viagem de estudo é a gente sai e vai visitar e anotar... a nossa professora faz assim, manda a gente anotar, aí quando chega na escola faz o texto sobre o que a gente aprendeu”
Aluno 2 (EMAA)	“... a gente já foi uma vez, tinha várias coisas, tinha unas pedras, unas geoformas... como uma tartaruga, o elefante, tinha várias coisas”
Aluno 3 (EMAA)	“Eu entendo assim que, a gente tá indo pra nossa educação, a gente pode é... visitar várias, várias coisas tipo é... geossítios e é... as demais coisas”

Aluno 4 (EMAA)	“Eu acho que é pra gente conhecer outras cidades, conhecermos mais o geoparque, que justamente estava estudando com Janaína”
Aluno 5 (EMAA)	“Assim... na viagem de estudo... foi uma experiência boa, pra mim conhecer a pedra do nariz, a casa da pedra”
Aluno 6 (EMAA)	“... eu sei o que é, mas nunca participei assim, porque ainda é o começo do programa, do geoparque aqui, eu sei que é assim umas visitas, uns projetos também... essa é a parte que eu sei”

Elaborado pelo autor.

Dentre os relatos mencionados vale ressaltar as falas dos Alunos 2, 3, 4, 5 e 6 da EMAA que automaticamente relacionaram viagem/aula de campo com atividades do projeto Geoparque Seridó. Isso pode ter ocorrido porque a atividade se tornou expressiva no ambiente escolar, assim os alunos deram uma ressignificação ao termo viagem/aula de campo. É importante esclarecer que não foi influência da pergunta, pois não havia sido mencionado até o momento o Geoparque Seridó na entrevista.

Essa é uma indicação que atividades educativas do Projeto Geoparque Seridó vem se consolidando nessas instituições de ensino. É interessante também relatar que sete alunos entrevistados já tinham algum conhecimento sobre o Projeto antes de participarem, por meio de amigos, alunos mais velhos e familiares que já tinham participado do projeto.

Dois deles afirmaram já conhecerem os lugares visitados pelo Projeto, no entanto, para os demais a visita foi algo novo e estimulante, pois não conheciam, apesar de serem localidades do município onde residem. Além disso, para eles, a visita despertou mais interesse pelo meio ambiente.

4.3 O PROCESSO DE PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

O processo de planejamento das atividades no âmbito do Projeto envolve a equipe pedagógica e a direção das escolas. O Diretor da Escola Municipal Ausônio Araújo explicou que todo ano a escola desenvolve projetos pedagógicos que envolve a realização de viagens, sendo em média realizada 6 viagens por ano. Sobre o planejamento das viagens, o Diretor (EMAA) informa que:

Normalmente a gente se reúne no início do ano e faz esses planejamentos, de como vai ser as viagens, de levar as turmas, pra já ter uma predeterminação do que eles vão ver nos conteúdos que eles vão estar, vão estar visualizando nas geofomas no geoparque.

Portanto, existe um planejamento anual para a realização das atividades da escola, em que se inclui as atividades do projeto Geoparque Seridó nesse planejamento, em que não há a participação dos alunos. O planejamento das viagens também sofre influência significativa da disponibilidade de transporte, e do suporte dado à realização das viagens pela coordenadora do

Projeto Geoparque Seridó e servidora da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo de Currais Novos, Janaina Luciana de Medeiros.

Em relação aos custos das viagens, a Professora 2 (EMAA) explicou que: “[...] pra entrar nesses lugares, pra poder preservar tem que cuidar, e pra cuidar demanda dinheiro [...]”. Desta forma, o Diretor (EMAA) afirmou que até 2018, todos os alunos tinham custos a pagar nas viagens relativos às pequenas taxas para entrar nos geossítios em propriedades particulares, porém em 2019 a Coordenadora do Projeto conseguiu firmar uma parceria que disponibilizou para os alunos do 4º ano do ensino fundamental a entrada gratuita e outros materiais de estudo, como as pedras para os alunos simularem pinturas rupestres. O Diretor ainda elucida que nos anos anteriores para diminuir os custos aos alunos foram realizados sorteios para a arrecadação de dinheiro.

A Professora 3 (EMAA) ao ser questionada sobre as dificuldades da realização das visitas ao geoparque considera que, analisando o andamento do projeto houve uma evolução no desenvolvimento das atividades, e que:

[...] Janaína já consegue, por exemplo, lá nos Apertados entrar gratuitamente, na Mina Brejuí uma taxazinha mínima, já os primeiros, já foi mais complicado, [...] se for no final de semana não vão todos os alunos, se fosse na semana iriam mais, porque no final de semana tem uns que pela questão religiosa, no sábado se é adventista não vão, ou se vai fazer o catecismo no sábado, não vão se é católico. Então tem essas limitações também quando é no sábado.

Em relação aos recursos, a Professora 3 (EMAA) relata que “[...] tem algumas limitações, que Janaína com projeto do FIA¹, que ela conseguiu até algum material, por exemplo, a pintura em pedra. Porque antes, quando nós começamos, tudo isso foi do nosso bolso, foi bem difícil, agora já tem alguma ajuda”. Como foi a primeira professora a participar do projeto, os custos eram divididos entre ela e os alunos, tornando assim mais caro a viagem e dificultando a participação dos alunos no projeto Geoparque, mas como a Coordenadora do Projeto foi conseguindo materiais e parcerias, além de baixar os custos a participação dos alunos aumentou ao longo dos anos.

Nessa mesma concepção, a Professora 4 (EMAA) afirma que “o transporte é o principal problema, porque se o carro quebrar não tem visitação, e agora é realizado as viagens que são mais longe nos fins de semana porque os ônibus são os mesmos que realizam as linhas escolares”, destacando também o fato de que a questão financeira é problemática, “porque alguns não tem condição mesmo, mas a escola promove sorteios para ajudar a custear as visitas

¹ FIA – Fundo Especial para a Infância e Adolescência

que precisam ser pagas, agora Janaina conseguiu uma parceria com o FIA e os alunos do 4º ano não precisam pagar, já ajuda e muito a escola”.

Embora o transporte e os recursos financeiros (dos alunos e do próprio projeto) sejam considerados um dos principais problemas relatados por todos os professores, a Professora 2 (EMAA) enfatiza que: “[...] é tudo bem programado, bem organizado, a gente senta previamente faz o cronograma enorme, o pessoal é bem organizado de turismo, eles fazem tudo [...]”, e como é o mesmo ônibus das linhas escolares “[...] a gente só pode sair daqui a partir de 7h30 [...]”. Completando esse pensamento o Professor 1 (EMSN) considera que o transporte: “[...] cobre o município todo, tem que ter realmente esse cuidado com esse agendamento, mas de modo geral a coisa tá acontecendo [...]”.

Em questão de suporte do poder público, de forma geral os professores afirmam que o município oferece os equipamentos básicos para o funcionamento do projeto. Nesse quesito o Professor 1 (EMSN) afirma que: “não dá pra gente trabalhar sem essa parceria, a gente sabe que o transporte é essencial”, além de fornecer a merenda escolar, o município disponibiliza “[...] esse suporte que a gente precisa, a gente tá trabalhando realmente engajado né... uns ajudando aos outros”. Nesse sentido, o Diretor (EMAA) expõe que aos sábados por ser fora do horário de trabalho do motorista, a direção e os professores da escola se mobilizam para contribuir com uma pequena taxa de gratificação, para assim garantir que a atividade ocorra.

Desta forma, a Professora 4 (EMAA), explica que o poder público também disponibiliza os serviços da Coordenadora do Projeto, uma vez que, ela oferece todo suporte para as escolas: “Janaina, é ela quem dá todo suporte para o planejamento dos conteúdos, agendamento das visitas, e ela quem conduz as visitas quando o local não tem um guia próprio, como no Canyons dos Apertados”, é principalmente dessa forma que o município contribui com o projeto.

Os alunos participam das oficinas ministradas por Janaina Medeiros, e só então são avisadas sobre as visitas nos geossítios, assim como no relato do Aluno 1 (EMAA): “geralmente são assim, elas mandam o comunicadinho dizendo como é que a gente tem que vir, a hora, aí a gente espera o ônibus [...], visitou um bocado de coisa lá, aí a gente veio aí... conversou o que a gente aprendeu e fomos pra casa”.

4.4 O TRATAMENTO DADO AO CONHECIMENTO ADQUIRIDO NAS VISITAS

Em relação ao tratamento dado ao conhecimento obtido durante as visitas aos geossítios do Projeto Geoparque Seridó, a Professora 3 (EMAA) relata que, “primeiro antes deles irem aos locais tem a parte teórica, antes deles visitarem”, nesse contexto, nota-se que os educadores

a parte teórica para o ensino-aprendizado é tão necessária quanto a parte prática ou a vivência, sendo inter-relacionadas de forma a favorecer o desenvolvimento dos alunos.

Nesse mesmo sentido, o Diretor (EMAA) expõe que “[...] as aulas, que é feito pela professora Janaina, que ela já dá uma aula... conteúdo teórico, e depois eles vão *in loco*, para eles verem como é na prática”.

Desta forma, o processo de ensino-aprendizagem adotado pelo projeto busca estimular o aluno através do lúdico, da saída do ambiente fechado da escola para a descoberta do mundo concreto, real e dinâmico, com a apresentação dos geossítios e das geoformas, atribuindo um novo significado à paisagem. Desta forma, o Professor 1 (ESN) aborda que:

[...] tanto é trabalhado na teoria com a ajuda da gente, do professor em sala, como a viagem prática é um enriquecimento muito grande, e a gente cobra para ver a apresentação dos seminários, maquetes [...], produções texturas, exposições fotográficas, várias atividades vão surgindo com a prática. A gente sabe que a prática chama atenção de todos nós, você imagine dos alunos...

Os alunos também relatam sobre o que aprenderam em sala de aula para outros alunos que não participaram das visitas, compartilhando o seu conhecimento, conforme a Professora 3 (EMAA): “Quando eles chegam tem a parte do relato, eles trazem um relato feito e... como às vezes não vão todos é, os que vão repassam na frente, o que aprenderam”. Desta forma, o desenvolvimento dos saberes é construído também pelos alunos, assumindo um papel ativo ensinando aos colegas.

A Professora 4 (EMAA) descreve a metodologia abordada no exercício do Turismo Pedagógico, apresentando de forma sucinta as atividades que são realizadas ao longo do projeto no ano escolar:

[...] cada geossítio visitado há uma produção a ser feita por eles, como por exemplo, produções textuais, desenhos nas pedras que são as escritas rupestres, maquetes, poesias. Há produções individuais e coletivas de literatura de cordel, e também eles fazem representação teatral na escola, tendo a culminância justamente com tudo que as turmas produziram, porque a escola faz um trabalho continuado do primeiro ano ao sexto ano, e em um ano anterior, por exemplo a escola levou essas produções para expor na praça Cristo Rei.

Vale salientar que, esse trabalho é voltado ao público discente, tornando-o sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, o projeto Geoparque Seridó capacita cada um deles a transmitir o que aprendeu a outras pessoas, não se restringindo ao ambiente escolar, como é exposto pela Professora 3 (EMAA) “É algo que os alunos estão aprendendo, estão repassando, eles levam para casa, tá sendo divulgado pela mídia” e complementado pela Professora 1 (EMAA): “faz eles quererem conhecer outros lugares, a querer estudar sobre o que viram, é tudo novo”, tornando o processo estimulante.

Os alunos, ao serem questionados sobre as atividades que desenvolveram após as visitas ao Geoparque fizeram o seguinte relato como exposto no quadro 2.

Quadro 2. Relato dos alunos sobre as atividades realizadas após as visitas

Aunos	Respostas
Aluno 1 (EMAA)	“A nossa professora faz assim, manda a gente anotar, quando chega na escola faz o texto sobre o que a gente aprendeu”; “É mais produções textuais e maquetes e também a gente foi um dia ali pra sala e ela mandou a gente levar agenda pra anotar”.
Aluna 2 (EMSN)	“Ele perguntou se a gente gostou... se a gente achou bom”.
Aluno 2 (EMAA)	“Às vezes, a gente faz produções de texto, a gente fez até uma poesia no ano passado sobre os geossítios”.

Elaborado pelo autor.

Dessa forma, observamos que professores e alunos, com o suporte oferecido pela Coordenadora do Projeto, trabalham a informação adquirida no projeto Geoparque Seridó em sala de aula, dinamizando o processo de ensino-aprendizagem com produções textuais, apresentações culturais e reproduções artísticas.

4.5 A IMPORTÂNCIA DO PROJETO GEOPARQUE PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM

Partindo do pressuposto de que o Turismo Pedagógico propicia um desenvolvimento cognitivo dinâmico, ou seja, “levar a teoria à prática” (Professora 1 – EMEA), o Diretor (EMAA) considera que:

É a questão de ver o assunto *in loco*, ver a questão do turismo, a questão de conhecer as geoformas no local, bem melhor do que você vê por uma foto, lá eles podem tocar, podem ver a grandiosidade, algum tipo de forma e daí eles já assimilam mais rápido, é bem mais fácil você assimilar um conteúdo você vendo do que você tendo só a experiência por fotografias.

Em outras palavras, o ambiente externo à escola proporciona um estímulo aos sentidos do aluno sendo a visão, olfato, tato e audição, proporcionando o desenvolvimento e a sensibilidade dessas percepções.

O projeto Geoparque Seridó estimula também o desenvolvimento de projetos na área ambiental nas escolas, que nas palavras do Diretor (EMAA):

O geoparque é uma influência muito grande... a maioria dos monitores que atuam hoje no Geoparque são dessa escola, então ela já influenciou a questão do repasse do conteúdo que eles aprenderam, já repassam para as novas turmas, e é muito importante você ter, conhecimento da questão da natureza,

da questão da ecologia, da questão das formas geológica que tem no nosso município, na nossa região, e isso eles assimilam [...]

Em complemento, os alunos também expressam a importância dessa forma de ensino (quadro 3), evidenciando ainda mais como a experiência nos geossítios valorizam o desenvolvimento educacional do indivíduo, tornando-os atentos às questões ambientais, como por exemplo a poluição, o desmatamento, a preservação e a valorização da natureza.

Quadro 3. Visão dos alunos sobre a importância das visitas aos geossítios.

ALUNO	VISÃO
Aluno 1 (EMSN)	“Vai ajudar aprender novas coisas” “eu olho a natureza e posso fazer, eu sou artesão, aí eu olho as coisas e faço”.
Aluno 2 (EMSN)	“É melhor porque a gente entende mais”.
Aluno 1 (EMAA)	“Tipo é para o nosso estudo, é para o que a gente vai aprender, entendeu?”... “pode repassar para outras pessoas”.
Aluno 2 (EMAA)	“Quando a gente vai lá e fica vendo as coisas, e quando, principalmente, quando a gente não joga lixo, porque, quando a gente joga lixo a gente tá fazendo mal ao meio ambiente”... “porque quando a gente vai nesses lugares, aí a gente tem que ficar prestando atenção pra aprender mais”.
Aluno 3 (EMAA)	“Isso pode ajudar muito na nossa educação é... na disciplina... e até pode fazer com que a gente seja um bom aluno na escola... aprender várias coisas de geografia”.
Aluno 4 (EMAA)	“Afim eu estou aprendendo mais sobre os outros cantos, sobre o geoparque”.
Aluno 5 (EMAA)	“A gente aprende muita coisa, na viagem”.
Aluno 6 (EMAA)	“Considero, pra conhecer e valorizar as coisas”... “assim porque eu não entendia bem o que era direito, e também ela (Janaína) nunca tinha vindo, assim... pra fazer esse projeto na nossa sala”.

Elaborado pelo autor.

Nota-se, portanto, o senso comum de preservação ambiental ressaltado por todos os entrevistados, de alunos a professores, envolvidos no Projeto. A Professora 3 (EMAA) relata que “a preservação ambiental em si que eles têm, quando eles visitam, eles têm aquele cuidado de não jogar lixo, reclama se um fizer”, expondo um desenvolvimento do senso crítico de que o objeto estudado é uma representação cultural que passará para os filhos e os netos desses alunos, assim como foi passado para eles.

Portanto, é possível observar que todo esse processo representa um avanço, como observado pela Professora 1 (EMSN) que “na hora que a gente tira de dentro da sala de aula, a gente aproveita muitas coisas numa viagem de estudo” ela ainda acrescenta que por causa desse estímulo, a criança absorve o conhecimento para a vida toda, pois é uma experiência que fica

marcada na memória, como podemos concluir pela fala do Aluno 6 (EMAA): “Despertei, porque o lugar é verde, bonito, aí pra que destruir?... É uma maravilha!”.

4.6 OS DESAFIOS DO PROJETO GEOPARQUE SERIDÓ

Por fim, é relevante apresentarmos as sugestões e críticas de alguns professores em relação ao Projeto Geoparque Seridó, uma vez que são eles que executam as atividades e têm um contato maior com os alunos.

Os professores com menor tempo de atividade possuem uma visão positiva em relação ao projeto alegando que: “Eu quero fazer mais viagens, foi minha primeira” (Professora 1 EMAA), mostrando que uma visita é um incentivo também para os docentes, pois ao sair do ambiente escolar movimenta não apenas as crianças, é uma aula divertida e lúdica também para os professores.

Nessa mesma linha, a Professora 2 (EMAA) sugere que: “continuem né, projetos como esse e que apareçam outros não só o Geoparque Seridó dentro do Seridó, mas será maravilhoso a gente sair de um geossítio pra outro, pra gente poder conhecer outros geoparques, existem vários”.

A Professora 3 (EMAA), foi a primeira docente a participar do Projeto na cidade, ela quem enfrentou as dificuldades das realizações das primeiras visitas, sendo mais consciente das diversidades que ocorreu ao longo das atividades, assim apresenta como sugestão:

[...] que tivesse um apoio mais do que já tem, porque as escolas necessitam... sabemos que depende também de carro, depende de funcionário, mas que tivesse esse apoio, um apoio maior, porque quando tudo tá bonitinho né, ai filma lá, mas ninguém sabe o quanto... rola por trás dos bastidores, a gente da primeira vez que fizemos foi bem complicado”

Nessa mesma linha de raciocínio, a Professora 4 (EMAA) apresenta essa mesma visão de que a escola ainda precisa se fortalecer por meio de parcerias, seja com o poder público ou com outras instituições que possam acrescentar ao processo de ensino-aprendizado, e também para o desenvolvimento profissional do professor. Assim na perspectiva dela uma alternativa viável seria se “[...] a universidade fizesse parceria com as escolas, porque a universidade tem conhecimento e suporte para incentivar ainda mais o interesse do aluno”, não se limitando ao Projeto Geoparque, pois “não importa o curso, acho que poderiam contribuir cada um de sua maneira seja o curso de turismo, de letras ou administração, o importante é participar”. A Professora 4 (EMAA) ainda apresentou o exemplo de um caso que ocorreu com ela:

[...] quando outra aluna da universidade fez um trabalho na minha turma, que os alunos participaram com muito interesse, eles já estavam tristes porque naquele ano o carro tinha quebrado e não haveria a visita, mas como foi realizado esse trabalho sobre a importância do patrimônio da cidade, foi possível realizar a visita com o ônibus que a universidade disponibilizou, e eles ficaram super felizes porque a visita terminou com um piquenique na universidade isso marcou muito eles, ficaram falando o resto do ano todo.

Desta forma, nota-se a importância da realização de projetos, pesquisas e trabalhos acadêmicos que sejam mais atuantes na sociedade não se restringindo apenas às escolas, pois existe um impacto na realização desses trabalhos, proporcionam aos participantes uma reflexão, auxiliando no desenvolvimento do senso crítico além de tornar o ambiente acadêmico mais acessível e produtivo para a comunidade local.

Já as dificuldades identificadas no Projeto foi principalmente a questão financeira, e a falta de parcerias mais concretas. Na questão financeira temos 2 pontos principais, uma vez que o Geoparque não tem fins lucrativos, assim necessita de um financiamento mínimo, sendo esse o primeiro ponto. No início da atividade os alunos e professores arcaram com todas as despesas, com isso entramos no segundo ponto, a questão financeira dos alunos participantes, que segundo a Professora 4 (EAA), alguns realmente não tem condições, e a escola para suprir essa dificuldade realiza sorteios e outras formas para baratear os custos.

O que carece na parte financeira, a Coordenadora do Projeto busca suprir por meio de parcerias, sendo o município o fornecedor do suporte básico para o funcionamento das atividades, destacando-se aqui o transporte, pois sem ele a atividade ficaria bem mais cara para os alunos. Além do município, existe uma parceria recente com o projeto do Fundo Especial para a Infância e Adolescência (FIA), que proporciona aos alunos do 4º ano do ensino fundamental as viagens gratuitas e o material para as oficinas.

Mas tal parceria é muito recente e apresenta-se pouco sólida para o desenvolvimento de fato do Projeto, pois o Geoparque é maior que Currais Novos, é sobretudo o Seridó, e só com o comprometimento de todos os municípios é possível a captação de mais recursos, inclusive recursos privados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi visto na pesquisa, é possível perceber que o trabalho desenvolvido pelo Projeto Geoparque Seridó no município de Currais Novos proporciona grande contribuição em relação ao processo de ensino-aprendizagem por meio do Turismo Pedagógico. De forma geral, toda equipe pedagógica reconheceu a contribuição do Projeto ao longo dos anos, mas também mencionaram algumas dificuldades na realização das atividades no âmbito do projeto.

Além da questão do transporte e dos recursos financeiros, podemos destacar 3 pontos que não são problemas em si, mas necessitam de uma atenção especial. O primeiro é relativo à concentração de demandas na figura da Coordenadora do Projeto, Janaina Medeiros, que está à frente das atividades realizadas pelo Geoparque, no planejamento, organização e execução, e atualmente o funcionamento ocorre sem grandes problemas. Entretanto, o Geoparque Seridó não se limita a cidade de Currais Novos, e para o desenvolvimento e a expansão das atividades do Projeto, é necessário a criação de uma equipe que forneça o suporte para as escolas dos municípios participantes, auxiliando em uma maior integração entre as cidades, e evitando um desgaste excessivo da atuação da Coordenação do Projeto que faz o suporte atual de todas as atividades para todas as escolas que participam do Projeto em Currais Novos. Nesse sentido, a sensação é que se caso a coordenadora se retire do Projeto, as atividades não terão continuidade, pois hoje dependem quase exclusivamente de sua atuação.

O segundo ponto são os professores, que seja desenvolvido uma atividade que não tenha um desgaste excessivo também para esses profissionais, que a atividade sempre busque forma de inovar e aprimorar o conteúdo para não cair na rotina do professor, uma vez que, para o aluno a atividade sempre vai ser nova e empolgante, mas o professor acaba participando todos os anos da mesma atividade. Desta forma, o Geoparque incentiva a criação de projetos paralelos para abarcar as peculiaridades e necessidades de cada escola como uma alternativa de renovação das atividades desenvolvidas no ambiente escolar.

O terceiro ponto é o suporte familiar, nesse caso, foge do controle do Projeto e da escola, pois existem pais que incentivam, cobram, ajudam e participam dos trabalhos que a escola desenvolve com as crianças, mas também há pais que por diversos motivos se fazem ausentes na escola, sendo um dos pontos destacados pela Professora 3 (EMAA), ela apresenta que a primeira turma o apoio dos pais foi fundamental, no qual formou a maioria das crianças que atuam como monitores atualmente, mas a turma desse ano tem grande ausência dos pais, não participando nem das reuniões bimestrais para entregar e discutir os resultados do desenvolvimento do aluno no bimestre.

Em relação ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos, foi possível por meio da pesquisa, analisar como é o processo de planejamento, do ensino, e possibilitou identificar a visão dos alunos sobre as atividades do Projeto. Desta forma, foi possível observar que mesmo que não seja possível mensurar o ensino-aprendizagem, as crianças apresentam vários posicionamentos que estão de acordo com o que é ensinado pelo Projeto, além disso, as crianças têm o prazer em falar sobre o Projeto e sobre o que aprenderam, transmitindo para sua família e amigos.

Assim, pode-se destacar que na visão das crianças a parte do planejamento e organização não é muito clara, elas são avisadas da parte de execução, por vezes alguns alunos apresentam uma ligação mais emocional, comentando sobre as viagens que já aconteceram, falam que gostam, acham divertido, legal, e até entendem a importância, mas não possuem domínio para explicar conceitos mais específicos. A maioria demonstra uma visão mais realista e concreta, com a compreensão das atividades realizadas, falam sobre a importância da visita, que aprenderam a conservar a natureza, além de conhecer e aprender sobre coisas novas, se engajando e procuram ter um conhecimento mais aprofundado sobre o Projeto.

Outro aspecto importante mencionado é a motivação, pois segundo os professores entrevistados, os alunos se sentem mais motivados ao participar do Geoparque, onde são instigados a preservar a natureza, e por consequência concluem o ano letivo mais engajados, o que é algo positivo, tendo em vista que ao incentivar o aluno a buscar o conhecimento dentro e fora da sala de aula, fomenta o desejo do aprendizado, sendo produtivo para a vida e a formação acadêmica das crianças.

Em relação a importância da visita ao Geoparque no processo de Ensino-Aprendizagem dos alunos, todos os professores entrevistados realçam essa atividade como um mecanismo que auxilia na compreensão teórica dos discentes por meio da prática, também passando a mostrar uma outra visão da natureza que antes as crianças não tinham “eles viam pedras e mato, hoje já veem formas e vegetação”.

Além disso, existem atividades que são realizadas após as visitas ao Geoparque, buscando resgatar os conhecimentos adquiridos na atividade de campo, por meio de produções textuais, exposições fotográficas, pinturas rupestres, maquetes, produções de cordel e etc. São atividades que buscam fixar o conteúdo de uma forma diferenciada, tornando-se também instigante para o aluno, pois o evento final do projeto é a exposição de todas essas produções para a escola e a comunidade.

Os objetivos da pesquisa desta forma, foram todos cumpridos, sendo possível apenas com a colaboração das escolas, e embora tenha havido alguns desencontros, todas se mostraram

prestativas, disposta a fornecer as informações necessárias para a pesquisa. O problema do trabalho foi respondido, mas abriu um leque de possibilidade e reflexões para novas pesquisas, o Geoparque ainda tem muito potencial para ser explorado pelo curso de Turismo sobre todos os aspectos que é trabalhado no Projeto, seja a parte econômica, social, cultural ou mesmo a educação.

A pesquisa foi bem gratificante, possibilitou um aprimoramento pessoal e acadêmico, além de reafirmar a importância de pesquisas que sejam atuantes na comunidade local, pois é possível notar o comprometimento das crianças, dos professores e de todos os envolvidos, foi possível também observar como cada criança em sua individualidade aprende e ensina da sua forma o que é apresentado pelo Projeto. Embora essa pesquisa tenha o foco na educação, permitiu um vislumbre da importância para a economia local e o desenvolvimento social, uma vez que já existe a iniciativa de comercialização de alimentos, bebidas e artesanatos que são desenvolvidos pelas famílias, principalmente na comunidade do Totoró.

Como sugestões para alguns dos problemas encontrados, é a criação de um grupo de suporte para as atividades do Geoparque, tal grupo pode ser constituído em parceria com o poder público e a universidade, possibilitando um maior suporte para os municípios e as escolas, com bolsistas dedicados ao desenvolvimento do Projeto, realizando em conjunto o que hoje é feito pela Coordenadora do Projeto, o planejamento, organização e execução, mas com todos os municípios do Geoparque, não esquecendo a busca pelo apoio e parceria da iniciativa privada, que é essencial para a consolidação do Projeto Geoparque Seridó.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. V. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- BARBOSA, Y. M. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 7. ed. São Paulo: Senac, 2002.
- BEZERRA, S.B. Filho, V.P.S. Oliveira, W.A. Nascimento, M.A.L. (2014). O desenvolvimento do geoturismo nos geossítios Cânios dos Apertados, Pico do Totoró e Mina Brejuí, Município de Currais Novos, RN. **Geonomos** - v.22, n.1 julho de 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.18285/geonomos.v22i1.291>>. Acesso em: 19/10/2019.
- BONFIM, Mailane Vinhas de Souza. Por uma pedagogia diferenciada: Uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. **Revista Turismo Visão e Ação** – Eletrônica, v. 12, n. 1. p. 114 -129, jan/abr. 2010. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1127>>. Acesso em: 28 abr. 2019.
- BRILHA, J. **Patrimônio Geológico e Geoconservação: a conservação da natureza na sua vertente geológica**. Portugal: Palimage editores. 2005.
- _____. A Importância dos Geoparques no Ensino e Divulgação das geociências. *Geol. USP, Publ. espec.*, São Paulo, v. 5, p. 27-33, outubro 2009.
- CARDOSO, C.S.; BATISTA, S. G. Inovação da oferta turística com base nos valores locais: um estudo do Geoparque Seridó, RN, Brasil. **Caderno virtual de turismo**. Rio de Janeiro. V. 13, nº2. Ago 2013. 150-161. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/708/351>>. Acesso em: 20/10/2019.
- COSTA, S. S. dos S.; NASCIMENTO, M. A. L. do; SILVA, M. L. N. da. Patrimônio geológico do geoparque Seridó e sua divulgação por meio de projeto de integração com escolas municipais no interior potiguar. VIII Simpósio Nacional de Ensino e História de Ciências da Terra/Ensino GEO-2018. São Paulo, Campinas: July 2018. Brasil. Disponível em: <encurtador.com.br/cyzAL>. Acesso em: 20/10/2019.
- CPRM, Ministério de Minas e Energia Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral Serviço Geológico do Brasil. **Projeto Geoparques, Geoparque Seridó – RN, Proposta**. Brasil, 2010. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/media/gestao_territorial/geoparques/serido/localizacao.html>. Acesso em: 20/10/2019.
- FRANCO, Creso. *Et al.* **O Referencial Teórico Na Construção dos Questionários Contextuais do Saeb 2001**. Estudos em Avaliação Educacional. n. 28, p. 40 – 74, 2013.
- FREITAS, I. N. de; SILVA, N. C. S. da. O papel das mídias sociais para a promoção do turismo no geoparque Seridó- RN. XXII Seminário de Pesquisa do CCSA/UFRN: Desigualdades Sociais e Cidadania no Brasil: o debate atual. **Anais**, Gestão de Turismo, 2017. Disponível em:

<<https://seminario2017.ccsa.ufrn.br/assets/upload/papers/2a1c902dc746c383bbe47297888977e2.pdf>> Acesso em: 20/10/2019.

GOMES, C. S. C. D.; NASCIMENTO, M. A. L. do; MEDEIROS, C. A. F. Geoparque Seridó, RN: Avaliação dos seus geossítios com base nas categorias de valor intrínseco, científico, turístico e de uso/gestão. **Revista Tur: Visão e Ação**, Santa Catarina, v. 20, n. 3, p.361-374, 2018.

MARODI, Raquel. **O Apoio do Poder Público Para o Turismo Rural: Rota das Salamandras – Município de Marau / RS**. Camargo, 2011. 53 p.

MATOS, F. C. Turismo pedagógico: o estudo do meio como ferramenta fomentadora do currículo escolar. In: **Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, Turismo e paisagem: relação complexa. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2012, p. 01-11.

MEIRA, S. A.; NASCIMENTO, M. A. L. do; MEDEIROS, J. L. de; SILVA, E. V. da. Aportes teóricos e práticos na valorização do geopatrimônio: estudo sobre o projeto geoparque Seridó (RN). **Caminhos de Geografia**, v. 20 n. 71, setembro de 2019. Disponível em: <encurtador.com.br/ckmv8>. Acesso em: 25/10/2019.

MILAN, P. L. **Viajar para aprender: turismo pedagógico na região de Campus Gerais - PR**. 2007. 125 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria). Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Educação, Balneário Camboriú, 2007. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Priscila%20Loro%20Milan1.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

MOREIRA, J. L. P.; AVILÉS, M. A. Y; VALLE, J. E. G. **Turismo educativo: propuesta de creación de un programa de enseñanza de español para extranjeros**, en español. In: Repositorio de la Escuela Superior Politécnica del Litoral, 2009. Disponível em: <<http://www.dspace.espol.edu.ec/xmlui/handle/123456789/61>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

MOREIRA, J. C. Geoturismo: uma abordagem históricoconceitual. **Turismo e Paisagens Cársticas**, v. 3, n. 1, p. 5-10, junho de 2010. Campinas/SP. Disponível em: <http://www.sbe.com.br/ptpc/tpc_v3_n1_005-010.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

NAKAMURA, G. K. Y.; MACHADO, A. B. Turismo pedagógico e as possibilidades de ampliação de olhares: roteiro pedagógico na cidade de Santo Inácio-PR. **Anais Eletrônico VI**, Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica 23 a 26 de outubro de 2012.

NASCIMENTO, M.A.L.; GOMES, C.S.C.D.; SOARES, A.S. Geoparque como forma de gestão territorial interdisciplinar apoiada no geoturismo: caso do Projeto Geoparque Seridó. **Revista Brasileira de Ecoturismo**. São Paulo, v.8, n.2, mai/ago 2015, p.347-364. Disponível em: <<https://doi.org/10.34024/rbecotur.2015.v8.6451>>. Acesso em: 20 out. 2019.

SCHWARTZEMAN, Simon. Os desafios da educação no Brasil. Oxford, Jan/Mar. 2003, p. 09-50. Disponível <<http://www.schwartzman.org.br/simon/desafios/Sumario.html>> Acesso em: 10 set. 2019.

SCREMIN, J.; JUNQUEIRA, S. Aprendizado diferenciado: turismo pedagógico no âmbito escolar. **Differential learnig: educacion tourism within the school**, Curitiba, v.1, jan/dez. 2012, p. 26-42.

SÊIA, L.; MOREIRA, G.; PERINOTTO, A. R. **Turismo pedagógico: ensino/aprendizagem em escolas públicas de Parnaíba/Piauí/Brasil. Revista TURyDES**, Piauí, v. 7, 2014, p. 02-16. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/turydes/16/turismo-pedagogico.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

SILVA, M. H. F. M. **A formação e o papel do aluno em sala de aula na atualidade**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/MAGDA%20HELENA%20FERREIRA%20MATIAS%20DA%20SILVA.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SOUZA, R. C. A. de; MELO, K. M. M.; PERINOTTO, A. R. C. O turismo a serviço da educação: as aulas-passeio promovidas por escola particular em Parnaíba (PI). **Revista Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 3, n.1, jan/jun. 2011, p. 51-61. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/681>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. **Geociências e Geoparque Mundiais da UNESCO**. 2017. Disponível em <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/natural-sciences/environment/earth-sciences-and-geoparks/>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

VEIGA, L. P. A. *et al.* A aventura de formar professores. **Educar em revista**, Paraná. v. 1, out/dez. 2013, p. 307-311. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155029382019>>. Acesso em: 19 abr. 2019.